



O papel da sintaxe na aquisição de adjetivos no português brasileiro

The role of syntax in the acquisition of adjectives in Brazilian Portuguese

Cristina de Souza Prim

Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Curitiba, Paraná / Brasil
cristinaprim@utfpr.edu.br

Resumo: O objetivo deste trabalho é discutir como a criança adquire a sintaxe de adjetivos qualificativos. Por se tratar de uma categoria flexível, o desafio da aquisição de suas possibilidades sintáticas já é de fato esperado. Através de análise de transcrição de fala espontânea e de retomada de estudos já publicados sobre o assunto, discutiremos a hipótese de que a criança marca inicialmente um parâmetro de ordem, que permite a produção de adjetivos pós-nominais, mas que posteriormente ela precisa rever a aplicação desta regra à sua língua motivada por pistas encontradas em seu input. A ordem adjetivo-nome só surgirá quando houver uma marcação paramétrica de sua língua de traços que são apenas fracos, com o adjetivo *in situ*, para uma marcação mais consistente, que pode ser tanto forte quanto fraca. Apresentamos argumentos favoráveis à análise que classifica o português brasileiro como uma língua de traços fortes opcionais, que se aplicam para adjetivos, mas também para WHs e para possessivos.

Palavras-chave: aquisição de adjetivos; sintaxe de adjetivos; marcação paramétrica.

Abstract: The objective of the present study is to discuss the acquisition of the syntax of qualifying adjectives by children. Due to its flexible category, the challenge to acquiring these syntactic possibilities is expected. Based on the analysis of spontaneous speech transcription, and the contributions of published studies on the subject, we raise the hypothesis that although children initially mark a parameter of order, which allows the production of postnominal adjectives, they will need to review the use of this rule in language induced by some clues in their input. The adjective name order will only emerge when a parameter remarking in their language has only weak traits, with an *in situ* adjective for a consistent marking, which may be either strong or weak. Therefore,

we present arguments in favor of an analysis, which classifies Brazilian Portuguese as an optional strong trait language that apply to adjectives, as well as to WHs and to possessives.

Keywords: adjectives acquisition, syntax of adjectives, parameter remarking.

Recebido em 10 de setembro de 2018

Aceito em 17 de dezembro de 2018

1 Primeiras palavras

O estudo do posicionamento variável dos adjetivos nos DPs das línguas românicas é um tema bastante recorrente na literatura, mas não nos estudos aquisicionistas. O domínio nominal se faz presente na fala da criança desde os seus primeiros enunciados linguísticos, e é por volta dos dois anos de idade que a criança começa a combinar palavras, incluindo a combinação nomes seguidos de adjetivos. Na fala do adulto, temos, do ponto de vista sintático, três grupos de adjetivos: adjetivos que só podem ser pós-nominais (cf exemplo (1)), adjetivos que só podem ser pré-nominais (cf exemplo (2)), e adjetivos que podem ser pré e pós-nominais (cf exemplo (3)), além dos adjetivos que podem aparecer em posição predicativa, que não é foco deste trabalho:

- (1) a. Análise sintática
b. *Sintática análise
- (2) a. Suposto problema
b. *Problema suposto
- (3) a. O livro famoso
b. O famoso livro

Sobre os adjetivos que são apenas pós-nominais, não encontramos problemas na aquisição destes adjetivos, pois a criança, desde as suas primeiras construções, já produz adjetivos pospostos ao nome, e não temos exemplos destes adjetivos ocorrendo antepostos ao nome na fala infantil nos nossos dados transcritos ou nos da literatura estudada neste trabalho, como veremos nas seções 2 e 3. No caso dos exclusivamente pré-nominais, temos uma classe bastante restrita de adjetivos que,

quando possuem um homônimo pós-nominal, possui uma interpretação bastante diferente da posição pré-nominal.¹ Se considerarmos que duas interpretações tão diferentes de adjetivos resultam em casos de homonímia, não seria este um problema puramente sintático de aquisição. Por conta disso, vamos nos focar no problema da aquisição da ordem de adjetivos qualificativos, que podem ser tanto pré quanto pós-nominais, como por exemplo o adjetivo em (3). O que é importante observar no exemplo (3) é que há uma interpretação específica tanto com o adjetivo anteposto quanto posposto ao nome (que quer dizer que se trata de um livro definido e eu sei qual livro é esse), mas que na posição posposta há ainda uma interpretação não-específica (que quer dizer que se trata de um livro mas não necessariamente sei qual, só sei que é famoso). Por se tratar de uma categoria com ordem aparentemente flexível,² o desafio da aquisição destas possibilidades já é de fato esperado. Mas como a criança adquire esta variabilidade de ordem?

Através de análise de transcrição de fala espontânea e de retomada de estudos já publicados sobre o assunto, buscaremos refletir sobre a aquisição da posição dos adjetivos adjuntos ao nome. Discutiremos neste trabalho a seguinte hipótese: a criança precisa rever seus parâmetros marcados para produzir adjetivos pré-nominais. Para esta discussão, nos basearemos em especial nos trabalhos de Grolla (2000), Lopes (2006) e Ihsane e Puskás (2001).

Este estudo está organizado da seguinte maneira: apresentaremos dados de uma pesquisa qualitativa realizada em um corpus transcrito de fala espontânea de quatro crianças de até quatro anos. Em seguida, retomaremos os estudos já realizados sobre a tarefa da criança na aquisição e os estudos em aquisição do posicionamento dos adjetivos.

¹ É o caso do adjetivo certo, por exemplo:

Em um certo dia

Em um dia certo

Para saber mais sobre isso, ver Prim (2015).

² Cabe uma explicação do porquê estamos chamando os adjetivos qualificativos de “flexíveis”. Estes adjetivos podem ocorrer tanto antepostos ao nome quanto pospostos. De acordo com Cinque (2010), na posição pós-nominal há, a princípio, mais de uma leitura disponível para o adjetivo, e na pré-nominal há apenas uma, e esta coincide com uma das possibilidades das leituras existente na posição pós-nominal. Isso faz com que as duas posições tenham ao menos uma possibilidade de leitura em comum. Exemplos podem ser encontrados em (3), já explicado, e em (9) e (10).

Discutiremos logo após nossa hipótese. Por fim, retomarei os dados trazidos e os analisaremos à luz da proposta apresentada.

2 Dados de aquisição da linguagem

Examinamos qualitativamente dados de produção espontânea de quatro crianças adquirindo o português brasileiro. Chamaremos estas quatro crianças de AC, L, G e T; todas com menos de quatro anos de idade. O corpora é constituído de quarenta e quatro entrevistas orais transcritas³ em arquivos digitalizados pertencente ao CEAAL/PUC-RS e ao Banco de Dados do Projeto de Aquisição da Unicamp.

Foram analisados sete arquivos de gravação da criança AC, quando em idade entre um ano e oito meses e três anos e sete meses. Desde os primeiros arquivos transcritos já se percebe o uso de adjetivos pós-nominais, como em *estrela muito grande* (AC, 1;08), *tomate pequenininho* (AC, 1;10), *pintinho amarelinho* (AC, 1;10). Até os três anos e sete meses de idade, não se encontram em seus dados adjetivos pré-nominalizados, mas aos dois anos e três meses nota-se que aparece *é grande esse* (AC, 2;03), que poderia estar sinalizando o aparecimento dos primeiros adjetivos movidos / pré-nominais.⁴

Nos dados de L, também se podem encontrar dados de adjetivos pós-nominais desde o primeiro arquivo, gravado quando a criança estava com um ano e quatro meses de idade, em que já produzia *coisa feia* (L, 2;02), e nos dois meses seguintes, *papaizinho bonito* (L, 2;03), *a boca grande* (L, 2;04). Os dados de L foram transcritos até que a criança completasse dois anos e quatro meses, totalizando dezenove arquivos. Em nenhum deles encontramos adjetivos antepostos ao nome.

³ Os arquivos de cada uma das quatro crianças foram nomeados da seguinte forma: ano; meses, dias. Seguem as idades das crianças em cada gravação.

- AC: 1;08/ 1;10/ 2;01/ 2;03/ 2;08/ 3;00/ 3;07
- L: 1;04,18/ 1;04,25/ 1;05,16/1;05,23/ 1;06,01/ 1;06,22/ 1;07,05/ 1;08,16/ 1;09,00/ 1;09,21/ 1;09,28/ 1;10,28/ 1;11,09/ 2;01,25/ 2;02,28/ 2;03,11/ 2;04,09/ 2;04,16/ 2;04,23
- G: 1;10/ 2;01/ 2;03/ 2;08/ 3;00/ 3;06
- T: 2;02,28/ 2;03,11/ 2;04,11/ 2;04,26/ 2;05,08/ 2;05,16/ 2;06,12/ 2;07,19/ 2;08,17/ 2;09,00/ 2;09,27/ 3;00,15

⁴ Essa é apenas uma possibilidade de análise. Como ressaltou um dos pareceristas, pode ser o caso de *grande* ter uma leitura predicativa e *esse* ter se movido.

O terceiro conjunto de arquivo de dados, da criança G, é composto de seis arquivos gravados no período em que a criança estava com idade entre um ano e dez meses e três anos e seis meses. Novamente pudemos encontrar adjetivos pospostos ao nome desde os dois anos e três meses, como em *lápiz amarelo* (G, 2;03), *uma escada bem comprida* (G, 2;03), *fitá amarela* (G, 2;03). Novamente é percebida a ausência de adjetivos antepostos ao nome em todos os arquivos. A única exceção é *ontem eu comi meio bolo*, produzido por G 3;00. Não se trata de um adjetivo qualificativo, mas um adjetivo exclusivamente pré-nominal.

Por fim, buscaram-se nos doze arquivos transcritos da fala de T, gravados entre dois anos e dois meses e três anos, dados de adjetivos pré e pós-nominais. Desde o primeiro arquivo encontramos *nesta data ida* (T, 2;02), que sinaliza um particípio pós-nominal. Mas os dados de T são mais surpreendentes: encontramos no arquivo em que T estava com dois anos e sete meses *bonito carro* (T, 2;07), sem que ninguém houvesse produzido este mesmo adjetivo anteposto ao nome nesta gravação. Nos arquivos subsequentes, não se encontram novos dados de adjetivos pré-nominais. Esses dados deixam bastante claro que os adjetivos pós-nominais aparecem na fala da criança meses antes de um pré-nominal.

Sabemos que os dados de produção espontânea, como os utilizados aqui, são de uso limitado por não determinar se a ausência de uma certa estrutura é devida à falta de conhecimento linguístico, à falta de exposição à construção ou à falta de contextos discursivos apropriados nas sessões de gravação, como nos alerta Demuth (1996, p. 20). De fato, a exposição a adjetivos ocupando a posição pré-nominal é mesmo baixa. Verificamos, por exemplo, que nos dados da criança AC, mencionada anteriormente, em sete gravações realizadas, foram encontrados apenas três dados apresentados pelo falante adulto contendo um adjetivo pré-nominal, sendo um deles uma forma pronta, como “a pequena sereia”, e os outros dois “o bonito barco” e “a grande baleia”. Não podemos, portanto, contar com a exposição a este item para a criança adquiri-lo e apresentá-lo como dado aos dois anos e três meses. Apostar que se trata de falta de contexto discursivo apropriado também não seria o caso.⁵

⁵ Se tivéssemos alguma gravação de um momento de contação de histórias, poderiam surgir mais exemplos de adjetivos pré-nominais, mas também não podemos dizer que esta experiência é comum a todas as crianças que vão adquirir o PB e que seria isso que garantiria a exposição mais intensa a adjetivos pré-nominais.

Cinque (2010) e outros, ao estudar a sintaxe dos adjetivos, descreveram os adjetivos pré-nominais nas línguas românicas com leitura específica, e esta referência específica não é incomum em DPs do português (na seção 3.2 deste trabalho discutiremos a relação entre um DP específico e um adjetivo específico), ou seja, não seria por falta de contextos discursivos. Se seguirmos as razões expostas por Demuth (1996), teremos de dizer que se trata de falta de conhecimento linguístico, mas precisamos ver em que sentido isso poderia ser defendido.

Esta mesma ausência de adjetivos pré-nominais no início da aquisição também foi descrita em outros trabalhos, como veremos na próxima seção.

3 A aquisição de adjetivos

A maior parte dos trabalhos que tratam da aquisição de adjetivos no português são trabalhos que tem por objetivo discutir a delimitação das classes de palavras adjetivo e substantivo para a criança. Uma dessas pesquisas é a de Teixeira (2009, p. 38), que retoma os estudos de Waxman (1999), conduzidos com crianças adquirindo o inglês e os repensa para o português. Os resultados de Waxman sugerem que, aos 13 meses, a criança é capaz de relacionar uma nova palavra a uma determinada categoria (Nome, Adjetivo) em função do modo como esta palavra lhe é apresentada (com propriedades morfofonológicas distintas). As pesquisas de Teixeira (2009) e Teixeira e Corrêa (2008) nos sugerem que a criança já é capaz de reconhecer a categoria adjetivo mesmo em palavras novas, em especial por conta de marcas morfológicas. Contudo, adjetivos em português em geral não possuem marcas morfológicas específicas, e os que possuem, como é o caso dos adjetivos terminados em -al e -oso, não são os primeiros a aparecem nos dados de aquisição. Portanto, é possível que a criança não possa se pautar nos traços morfofonológicos para a aquisição da sintaxe dos adjetivos no PB. Por conta da ausência de marcas morfofonológicas dos adjetivos, Almeida (2007), Teixeira e Corrêa (2008) e Name (2005) defendem igualmente que a criança⁶ se utiliza da ordem canônica do PB para distinguir nomes e adjetivos.

⁶ Em Almeida (2007), foram realizados três experimentos com onze ou quatorze crianças entre 2.1 e 3.9 anos. Em Teixeira e Corrêa (2008), chegou-se a esta conclusão a partir da análise de fala de dezesseis crianças com idade média de vinte meses. Em Name (2005), por fim, o experimento foi realizado com uma criança do sexo feminino de 3,6 anos.

De fato, a ordem canônica nome-adjetivo é a primeira a ser adquirida, sendo observada desde os primeiros dados transcritos das quatro crianças mencionadas; mesmo da criança que começou a ser gravada mais nova, AC, que estava com 1;08 ano na primeira gravação, e é esta a única ordem observável durante alguns meses tanto em AC quanto nos dados das outras três crianças. O problema reside na aquisição dos adjetivos na posição pré-nominal, como já mencionado.

Cardinaletti e Giusti (2010) trazem dados de adjetivos pré-nominais do italiano, falados por crianças de dois anos e dois meses e dois anos e três meses, respectivamente, mostrando que, em italiano, por volta dos dois anos e dois meses, a criança já produz adjetivos pré-nominais,⁷ um dado anterior ao único adjetivo qualificativo pré-nominal que temos nos dados das crianças, falado por T, que produziu um adjetivo qualificativo pré-nominal durante as gravações aos 2;07. Ainda assim, há um *delay* em relação à aquisição de adjetivos pós-nominais. As autoras apontam como possíveis fatores para este *delay*: estatística menor no input, maturação de princípios pragmáticos, restrições prosódicas. Mas ressaltam que quando a criança começa a utilizá-los, o faz dentro das restrições impostas pela língua.

Dada a baixa quantidade de referência a respeito do processo de aquisição da sintaxe de adjetivos, pretendemos contribuir com a formação de uma literatura sobre este assunto discutindo a hipótese de que a criança deve marcar o parâmetro de direcionalidade de núcleo para conseguir produzir adjetivos pós-nominais inicialmente e deve rever a extensão desta regra posteriormente. Para isto, vejamos como nossos dados e a literatura sobre adjetivos, possessivos e periferia esquerda da sentença podem nos ajudar a entender o que ocorre nos campos pós-nominal (subseção 3.1) e pré-nominal (subseção 3.2).

3.1 A aquisição de adjetivos pós-nominais

Teixeira (2009) nos lembra sobre uma das tarefas da criança na aquisição: é preciso descobrir como propriedades ou atributos são

⁷ Os exemplos das autoras:

CHI: che occhi, che b(r)utti occhi! (CHI 2;2,1)

“what eyes, what ugly eyes!”

CHI: arrivo, ecco qua un bel grissinetto. (CHI 2;3,0)

“I’m coming, here is a nice little breadstick.”

apresentados lexicalmente na língua.⁸ Após a descoberta de que o português as marca através de uma categoria lexical, para Teixeira, a criança ainda deverá fixar o valor de parâmetros de ordem que determinam a posição do adjetivo no DP. O processo pelo qual a criança passará compreende, segundo Teixeira (2009, p. 37):

- (i) a necessidade de segmentar o input linguístico que lhe é oferecido;
- (ii) o estabelecimento de uma relação entre os dados do input e a informação acessível ao sistema computacional.
- (iii) a capacidade de apreender de uma estrutura linear, oferecida pela interface fônica, uma estrutura mais complexa, sintática, que está em interface com a semântica/ intencional.

Claro que estas mesmas tarefas se colocam em relação a substantivos e verbos, por exemplo; mas com adjetivos, há um problema adicional: muitos dos adjetivos (é o caso dos qualificativos) são avaliações do falante, e não referências fixas no mundo, o que poderia ser mais um dificultador do processo de aquisição.

Corrêa e Augusto (2017, p. 127) assumem a hipótese chomskyana de que há uma faculdade de linguagem que restringe as possibilidades de análise dos dados à apenas aquilo que é específico da língua a ser adquirida pela criança, de modo que ela não precisará descobrir o que é um sintagma ou o que são relações hierárquicas entre os elementos, pois isto está relacionado ao aparato cognitivo do ser humano. A criança precisará aprender, sob esta perspectiva, como os dados podem ser combinados e ordenados linearmente, como dito também por Teixeira (2009), e faz esta identificação através de padrões recorrentes. Também assumimos esta asserção neste trabalho.

Nas primeiras combinações de palavras, a ordem canônica das palavras já é observada. Se retomarmos nossos dados de AC, do corpus analisado neste trabalho, vemos mesmo o domínio nominal presente.

⁸ Uma possibilidade de apresentação é por elementos de uma categoria lexical (como a dos adjetivos), como na maior parte das línguas conhecidas; outra possibilidade é por meio de morfemas de posse livres ou presos, como em Haússa (língua afro-asiática falada na Nigéria), ou em Chinês (cf. ROSA, 2000).

- (4) AC 1;08 o passa(r)inho [*].
- (5) AC 1;08 est(r)ela [*] (mui)to [*] g(r)a(n)de [*].
- (6) AC 1;08 meu chapéu de paião [*].
- (7) AC 1;08 esse (ver)mel(h)o [*].
- (8) AC 1;08 +< esse aqui é de p(r)aiá [*].

Tem-se nos exemplos acima DP pleno, nome modificado por adjetivo com advérbio, DP com pronome possessivo e complemento preposicionado, DP com nome nu; ou seja, desde os primeiros dados encontramos uma diversidade na construção do DP.

Sobre a variação paramétrica que pode ser relevante para o posicionamento dos adjetivos em geral, Guasti (2002) esclarece que se trata do Parâmetro de direcionamento do núcleo ou Parâmetro de ordem de palavras. A tarefa da criança seria marcar se a língua tem núcleo inicial ou núcleo final. Trata-se de um parâmetro mais amplo que afetaria o posicionamento do adjetivo.

Children's early multiword utterances hardly deviate from their target language with respect to the order of heads and complements (see Bloom 1970; Brown 1973): complements follow the head in head-initial languages (English, French, Italian) and precede it in head-final languages (Japanese, Turkish). Moreover, even before children start combining words, they can detect and use the order of words in comprehending multiword utterances. (GUSTI, 2002, p. 102)

O fato de a criança detectar a ordem de palavras da sua língua e utilizá-la na identificação de novas ocorrências está de acordo com o que foi defendido por Almeida (2007), Teixeira e Corrêa (2008) e Name (2005), citados anteriormente.

A explicação para o uso de adjetivos pós-nominais é coerente com a marcação paramétrica do português, que marca núcleo iniciais tanto na ordem verbo-objeto, quanto na ordem nome-adjetivo. Esta ideia surge com Greenberg (1966), que defende que há certos padrões na língua que devem estar em harmonia entre si; por exemplo, o posicionamento núcleo/modificador sempre na mesma ordem, independente de ser o

domínio verbal ou o nominal. Para o autor, idealmente cada língua deveria pertencer a um tipo harmônico; nas línguas românicas o padrão seria ordem SVO, preposições (em oposição a posposições), genitivo após o nome, adjetivo também seguindo o nome, etc.; em outras palavras, harmonicamente a língua ordenaria o modificador após o modificado.

Como Santos e Lopes (2017, p.156-157) nos esclarecem, desde o trabalho de Greenberg tem-se sistematizado que há certa regularidade na ordem de palavras nas línguas humanas, que pode ser relacionado com uma diferença paramétrica reguladora da direcionalidade na língua. Este estudo de Greenberg recebeu diversas críticas porque estes universais foram listados com base no estudo de apenas trinta línguas. Cohen (1988) se posiciona sobre isto dizendo que neste sentido o português estaria cheio de inconsistências, pois permite a ordem adjetivo-nome, pronomes objetos proclíticos e alguns prefixos. Mas podemos ver estes universais por outro ângulo: estas inconsistências são pistas para que a ordem dos adjetivos não-descritivos, ou seja, os exclusivamente pré-nominais ou os que podem ser pré ou pós-nominais, precise passar por remarcação/especificação de parâmetros para adequá-los.

A hipótese da qual partimos então é de que a marcação de parâmetros relevante para este estudo ocorre quando a criança já começa a juntar duas palavras. Apoiando-nos na harmonia proposta por Greenberg (1966), vemos que o parâmetro de posicionamento de núcleo já deve ser considerado estabelecido a partir do momento em que a criança começa a juntar nomes e verbos, por exemplo, pois fazem parte do mesmo parâmetro – de direcionalidade de núcleo. Neste primeiro momento, os adjetivos seriam todos pós-nominais, o que condiz com os dados encontrados e mencionados anteriormente. Assim, podemos afirmar que a criança já tem um parâmetro para se apoiar nas primeiras construções de formas com adjetivos pospostos, como (1) e (3a), corroborado pelos exemplos das quatro crianças mencionadas, apresentados na seção 2. Contudo, a extensão deste parâmetro a todos os adjetivos deverá ser revista, o parâmetro deverá ser remarcado após alguns meses, para que a criança atinja a gramática da língua alvo e consiga produzir DPs como os apresentados em (2a) e (3b). Mas como a criança não entraria em um looping de remarcação infinita ao observar adjetivos pré-nominais no português?

3.2 A aquisição de adjetivos pré-nominais

Um grande problema para a aquisição de adjetivos pré-nominais é que este não se constitui como um padrão recorrente, mas algo com baixa percentagem de uso na língua. Lightfoot (1999) defende que para que a criança possa adquirir determinadas estruturas é necessário que haja entre 17% e 30% de exposição a ela. Mas este percentual não se estabelece na fala do adulto do corpora pesquisado, e assim a criança poderia julgar este adjetivo pré-nominal como um dado descartável. Como mencionamos, nas sete transcrições da conversa tida com a criança AC, foram encontrados apenas três dados apresentados pelo falante adulto contendo um adjetivo pré-nominal, um número seguramente muito abaixo dos 17% mencionados por Lightfoot. Pela nossa amostra, a depender de padrões recorrentes nas conversas espontâneas tidas com adultos, portanto, a criança jamais adquiriria este conhecimento linguístico.

Para buscarmos uma resposta ao problema da aquisição de adjetivos pré-nominais, nos basearemos nos trabalhos de Grolla (2000) e Lopes (2006) em seus trabalhos sobre a aquisição da periferia esquerda da sentença e sobre aquisição de traços semânticos, respectivamente, e no trabalho de Ihsane e Puskás (2001) sobre definitude e especificidade do DP do falante adulto.

Grolla (2000) analisa nas produções de uma criança em fase de aquisição da linguagem dados relacionados à periferia esquerda da sentença, sob a hipótese continuísta de Aquisição de Linguagem na perspectiva da gramática gerativa, teoria de princípios e parâmetros. Utilizou-se de dados longitudinais de produção espontânea da criança N,⁹ gravada entre 2 e 4 anos de idade, e investigou o curso tomado na aquisição da periferia esquerda da sentença em PB. A estrutura da periferia esquerda da sentença assumida é a de Rizzi (1997), um sistema mais refinado incluindo várias projeções resultantes da expansão do CP.

Grolla nos mostra que a aquisição dos fenômenos relacionados à periferia esquerda (tópico-comentário, perguntas QU, clivagem e relativização) ocorre de forma gradual:

⁹ A metodologia proposta por Grolla (2000, p. 3) envolve 53 sessões de gravação, com 45 minutos cada, em áudiotape da criança N, que foi gravada em sua casa, em média uma vez por semana, entre os 2;0 e os 4;0 de idade, por pesquisadores da UNICAMP. Na maioria das sessões, a mãe estava presente, interagindo informalmente com a criança.

[...] a cada sessão de gravação explorada, novas estruturas surgiam, até a criança atingir a idade de 4;0. Ou seja, constatei que há a emergência de construções inéditas até as últimas sessões de gravação. Embora todas essas estruturas relacionadas a CP tenham surgido gradualmente, aos 2;6 de idade todas as projeções postuladas em Rizzi (1997) [...] já haviam sido manifestadas nos enunciados da criança. (GROLLA, 2000, p. 32)

Em um dos capítulos da dissertação, Grolla trata das WHs *in situ*. Nota-se que a criança tem um *delay* na produção das perguntas com o elemento interrogativo *in situ*, que foi observado em seus dados um ano após a produção das primeiras WHs na periferia esquerda da sentença. A autora argumenta que deve ocorrer remarcação de parâmetro a fim de fazê-la produzir elementos *in situ*, de forma semelhante ao que ocorre na gramática de sua língua alvo.

A autora postula a remarcação de parâmetro possível de ocorrer uma única vez, de forma a evitar um círculo vicioso de remarcações. A fixação depende de dados positivos e evidentes para a criança. De forma mais detalhada, a autora assume a ‘teoria baseada em pistas’ (ingl. ‘*Cue-based theory*’) explorada em Dresher (1999) e outros, que propõe que a Gramática Universal especifica também uma pista para cada parâmetro que deve ser marcado. “Esta *pista* seria um tipo de estrutura, um elemento da gramática, que seria derivada do *input* e que seria encontrada nas representações mentais que resultam da escuta, entendimento e decodificação dos enunciados.” (GROLLA, 2000, p.76). No caso das WHs, Grolla propõe que “é a partir desta mudança que a criança notará a possibilidade de gerar estruturas em dependências-A’ sem lançar mão de movimento para a periferia esquerda da sentença.” (GROLLA, 2000, p.87) e complementa dizendo que “Tal mudança de percepção é responsável pela a mudança do parâmetro de [+movimento QU] para [±movimento QU], configurando assim a gramática do PB adulto.” (GROLLA, 2000, p. 89). As pistas devem ser estruturas não ambíguas que só poderiam receber uma análise; por conta disso, os dados precisariam ser robustos, salientes no *input* da criança.

No caso dos adjetivos, é preciso que a criança perceba que no *input* a sua volta, adjetivos pré-nominais são produzidos, ou seja, certamente é necessário que haja uma percepção da criança sobre seu *input*, mas não bastaria a frequência de dados, mas a coerência deste dado em sua gramática. Este tipo de dado faz com que a criança questione a

marcação de parâmetro feita (segundo Grolla, seria a inserção da categoria vazia que levaria a criança a isto) e a classifique como incompleta, e possa analisá-la como possível de estar *in situ* ou movida, ou seja, [+/-movimento], que seria a marcação correspondente na gramática alvo. Importante apontar que não há necessidade de se postular evidência negativa para que a criança chegue a isto.

Lopes (2006, p.161-162) esclarece que no programa minimalista entende-se o acionamento paramétrico como a seleção de traços interpretáveis (semânticos) e não-interpretáveis (formais) no léxico, sendo que apenas os traços não-interpretáveis têm papel no sistema computacional. São estes os traços então que têm papel na derivação sintática. Estes traços “devem ser checados/apagados antes de a derivação atingir a forma lógica; por se tratar de um traço não-interpretável, não estabelece interface com o componente semântico.”

Lopes (2006) esclarece ainda que há traços que são intrínsecos aos itens lexicais, como é o caso da animacidade, mas também há interpretações semânticas que são computadas composicionalmente. Este é o caso dos adjetivos, que recebem interpretação específica ou não específica a depender da posição que ocupam na sentença, e por isso não podemos considerar como um traço intrínseco. A especificidade, então, seria um traço computado composicionalmente. Por conta disso, a dificuldade da aquisição destes traços é previsível, dadas as informações a serem calculadas para a interpretação. Segundo Lopes (2006), os traços semânticos são dependentes de contextos sintáticos restritos, e por isso este traço de especificidade pode apresentar diferentes padrões na aquisição e não ser adquirido de uma única vez – dependerá da inter-relação com outros traços, em especial os traços formais.

Na pesquisa realizada por Lopes (2006), as crianças já produziam inicialmente DPs definidos, indefinidos e nus (com alguns casos agramaticais para adultos) já com possibilidade de leitura específica desde a primeira faixa etária examinada – 76.5% dos DPs produzidos tinham interpretação específica.

Isto é relevante para este trabalho porque a leitura específica dos adjetivos qualificativos está relacionada à leitura específica do DP. Nos exemplos a seguir, vemos que quando o DP tem uma leitura que pode ser específica ou não, como é o caso de (9), o adjetivo pode ser pré-nominal ou pós-nominal. O adjetivo qualificativo só pode ser pré-nominal quando tem a leitura específica do DP, ou seja, quando estamos falando de uma

proposta em específico, e não uma qualquer que seja interessante. Essa intuição se confirma em (10), pois o falante não sabe qual seria a proposta em específico, e sim pede por uma. Neste caso, o adjetivo qualificativo não pode ser pré-nominal. Em outras palavras, adjetivos pré-nominais têm interpretação específica; adjetivos pós-nominal podem ter leitura específica ou não-específica. A mesma interpretação coocorrendo nas duas posições pressupõe que seja o mesmo adjetivo movido.

- (9) a. Surgiu uma proposta interessantíssima
b. Surgiu uma interessantíssima proposta

- (10) a. Me sugira uma proposta interessantíssima
b. #Me sugira uma interessantíssima proposta

Se a criança, desde suas primeiras produções, já tem conhecimento da leitura específica do DP, porque produz adjetivos pós-nominais com esta interpretação e porque produz DP formado por determinante e nome com esta leitura, o problema não estaria na aquisição deste traço, mas na relação entre a possibilidade do movimento do adjetivo e a leitura específica do DP.

Grolla (2000), em uma parte de seu trabalho, discute sobre a aquisição de WH *in situ* na fala da criança. Mostra que esta é uma aquisição extremamente tardia, como mencionado, que só ocorreu aos 3;09 anos da criança N, mais de um ano depois da ocorrência das primeiras perguntas WH. A autora mostra que mesmo sendo uma estrutura bastante presente no input da criança, ela não ocorre simultaneamente a outras produções com WH na fala infantil. Grolla postula então que há uma primeira marcação de parâmetro para os elementos WH, que em português seriam marcados como contendo WH com traços fortes.¹⁰ Esta marcação se evidencia pelo fato de a criança só produzir perguntas com WH movido. Posteriormente, ao observar seu input com mais cuidado, percebe que este parâmetro não pode ser tão rígido em português e que este traço pode ser tanto forte, que pressupõe movimento, quanto fraco, que não o pressupõe. Como o input que a criança recebe tem

¹⁰ Grolla se baseia na proposta de Cheng, que postula que o traço forte estaria presente nas línguas que efetuam movimento WH, e o traço fraco estaria presente nas línguas que não permitem este movimento.

uma quantidade razoável de WHs *in situ*, podemos dizer que a criança reanalisa este parâmetro motivada pela frequência de uso do WH *in situ* na fala adulta.

No caso dos adjetivos, defendo que primeiro surgem adjetivos *in situ* e depois adjetivos movidos, ou seja, o oposto do que ocorre com WHs. Postulo que adjetivos sejam gerados à direita do nome, na posição pós-nominal, seguindo ainda a hipótese de direção parametrizável, e os trabalhos de Ernst (2004).

Ernst (2004) defende a adjunção à direita, e mostra que a diferença entre postular que adjetivos (no caso de Ernst, os advérbios) ocupam a posição de especificador (como o faz CINQUE, 2010, ou de adjunto (esta é a proposta defendida por ERNST, 2004) vai além de mera distinção estrutural. Se o elemento está em Spec, ele ocupa uma posição funcional; o que define Spec é alguma função gramatical especial. Elementos funcionais tendem a ser leves. Os adjetivos, por sua vez, possuem conteúdo semântico e são por si pesados, o que parece depor contra o estabelecimento de Spec como posição de origem para adjetivos. Seguimos pelo mesmo caminho de reflexão proposto por Ernst e defendemos assim que os adjetivos qualificativos são gerados à direita, em adjunção ao nome. Assim, a observação de que a criança começa pelos adjetivos pós-nominais é esperada.

Há então uma marcação de parâmetro que precisa ser revisitada pela criança. Vamos refletir sobre isto trazendo também o caso dos pronomes possessivos.

Se estamos defendendo o parâmetro da direcionalidade para adjetivos, a mesma previsibilidade se faz para os pronomes possessivos. Segundo Castro (2006), os pronomes possessivos podem ser separados em a) possessivos funcionais simples, como o que temos no exemplo (11), e b) possessivos funcionais preposicionados, como o do exemplo (12). Apenas os possessivos funcionais simples nos interessam, pois são os que podem ocorrer antepostos ou pospostos ao nome.

- (11) a. O Pedro vendeu meu livro.
b. O Pedro vendeu livro meu.

- (12) a. O Pedro vendeu o livro dela.
b. *O Pedro vendeu o dela livro.

Segundo Castro, os possessivos pré-nominais veiculam interpretação [+definida], e os pós-nominais a leitura [-definida]. Acreditamos que esta descrição precisa ser revista, pois os pós-nominais também poderiam ter uma interpretação [+definida] na posição pós-nominal na gramática adulta. No exemplo (13) temos um possessivo pré-nominal com leitura [+definida] pois a referência está definida. Em (14), o possessivo posposto tem uma leitura [-definida], que não se mantém em (15), que tem uma leitura [+definida], mesmo sendo um possessivo pós-nominal.

(13) A sua casa

(14) Uma casa sua

(15) Aquela/ ?a casa sua

(16) *Uma sua casa

Vou então assumir que os possessivos pré-nominais têm interpretação [+definida] e os pós-nominais [+ ou – definida]. A impossibilidade de um DP como (16) ratifica esta assunção.

De acordo com Cerqueira (1999), a criança começa produzindo apenas possessivos pós-nominais.

(17) M- não sei o que você tá falando, minha filha. Eu sinto muito, mas não entendo. Olha...

R- Tila papti meu?

(18) M- Boi, boi, não. Boi é o nome dele.

R- Boi um [=nome] deli? (R, 1;10)

Um cenário semelhante ao que se desenha para os adjetivos. Adjetivos pré-nominais têm interpretação [+específica] e os pós-nominais [+ ou – específica], como mencionamos nos exemplos (9) e (10) e como se verifica nos exemplos abaixo:

(19) Esta brilhante palestra

(20) Esta palestra brilhante

(21) Uma palestra brilhante

(22) Uma brilhante palestra

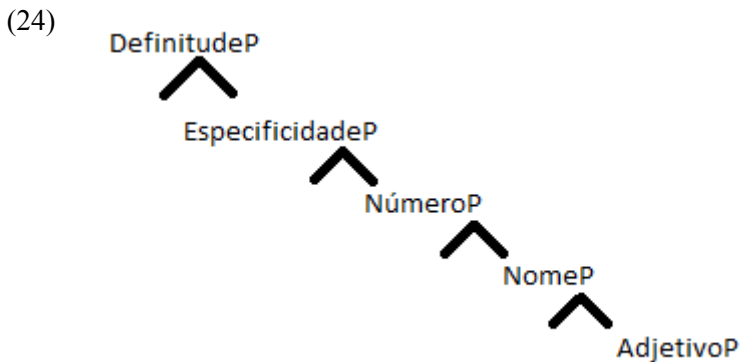
Não é apenas aparente a relação que parece se estabelecer entre o adjetivo e o determinante, e o possessivo e o determinante. Determinantes definidos possibilitam a subida do possessivo (Cerqueira postula que os possessivos são originados dentro de uma mini-oração, ou seja, também seriam gerados numa posição posposta ao nome), e determinantes específicos possibilitam a subida do adjetivo. Mas vamos explicitar o que entendemos por definitude e especificidade.

A definitude, segundo Ihsane e Puskás (2001), seria responsável por selecionar um objeto na classe de possíveis objetos. Visto desta maneira, todos os determinantes possuem uma mesma origem, e o que os diferencia seria o traço [+/- definido]. Já a especificidade é uma noção semântico-pragmática que distingue diferentes interpretações de determinantes nos DPs. Carlson e Pelletier (1995) decidem chamar DPs que se referem a um indivíduo particular de específicos, e DPs que não se referem a um indivíduo particular de não-específicos – e neste caso os determinantes não-específicos contribuem com conteúdo descritivo de sua asserção. O que é decisivo na caracterização de especificidade não é o conhecimento ou a capacidade de identificar objetos, mas a intenção do falante em referir-se a um indivíduo determinado, independentemente de o ouvinte ser capaz de identificar o referente. Ihsane e Puskás (2001, p. 40) esclarecem que definitude é responsável por selecionar um objeto na classe de possíveis objetos; já especificidade é relacionada a elementos pré-estabelecidos no discurso. A definitude expressa uma propriedade pragmática do discurso de familiaridade, já a especificidade indica que o referente está ancorado em outro objeto do discurso. Estas duas propriedades pertencem aos determinantes, mas os traços de [+definitude] e [+especificidade] podem não ocorrer ao mesmo tempo. Nos exemplos em (23), há duas leituras referenciais possíveis, uma em que há um casaco caro e é esse que a Maria vai comprar (leitura definida e específica) e outra em que há casacos caros, e dentre estes, a Maria vai comprar um (leitura definida e não-específica). (23b), com o adjetivo *maravilhoso*

pós-nominal, pode ter as leituras definido e específico ou definido e não-específico, diferentemente de (23c), que só pode ser definido e específico.

- (23) a. A Maria vai comprar um casaco caro.
 b. A Maria vai comprar um casaco caro maravilhoso.
 c. A Maria vai comprar um maravilhoso casaco caro.

Dada esta dissociabilidade entre definitude e especificidade, o determinante então precisa se abrir em duas categorias em sua projeção. A definitude estaria associada a Def, diretamente. Já a especificidade surge em uma categoria mais baixa na estrutura.



Tanto no caso dos adjetivos quanto dos possessivos, as primeiras produções da criança, mesmo sendo pós-nominais, já envolvem possessivos definidos pós-nominais e adjetivos específicos pós-nominais. A criança marca então o mesmo parâmetro de direcionalidade para adjetivos e possessivos, colocando-os pospostos ao nome. Mesmo sendo pós-nominais, já podemos dizer que existem as projeções de definitude e especificidade no DP, pois estas interpretações já ocorrem, como apresentado por Lopes (2006). Pensando na marcação de traços utilizados por Grolla (2000) e o reaplicando para possessivos e adjetivos, em um primeiro momento, haveria uma marcação paramétrica de que esta seria uma língua de traço fraco, sem o movimento do adjetivo ou do possessivo. Ao observar com mais cuidado seu input, a criança redefine sua marcação contendo traços que podem ser fracos ou fortes, da mesma forma que fará também com elementos WH, mas em tempos diferentes de aquisição.

O parâmetro então deve ser revisitado quando a criança faz a relação entre o possessivo e o determinante, e o adjetivo e o determinante.¹¹ Adjetivos específicos podem subir para a posição Spec de EspecificidadeP, e pronomes definidos podem subir para a posição de definitude do determinante. Isto pressupõe sim um amálgama do possessivo com o determinante na posição Spec de DefP, mas os dados

¹¹ Gostaria de falar um pouco mais sobre como isso se manifesta em adultos. Os qualificativos, como dissemos, só podem ocorrer na posição pré-nominal se o determinante que encabeça o DP for específico. Quanto aos traços de definitude, estes adjetivos não apresentam restrições na combinação. Em (i), o indefinido pode ser interpretado como específico ou não-específico. (ii) mostra que as duas interpretações do indefinido seguem válidas com o adjetivo posposto ao nome. (iii) mostra que o movimento do AP para a posição pré-nominal só ocorre quando o determinante tem leitura exclusivamente específica. Com os definidos não-específicos, vemos que também não há ocorrência de adjetivos qualificativos pré-nominais. Se no exemplo (iv) abaixo estivermos considerando que ainda não ocorreu a votação e que ainda não sabemos qual será o professor mais votado, o determinante será não-específico, e a previsão de que neste caso não poderá ocorrer um adjetivo qualificativo pré-nominal é correta. Por sua vez, se imaginarmos que a votação já cessou e o falante sabe quem é especificamente o vencedor, o determinante definido será específico e o adjetivo poderá se mover para a posição pré-nominal. Podemos, assim, fazer previsões sobre outros determinantes. O pronome demonstrativo, por exemplo, deveria sempre funcionar como referencial específico e sempre aceitar, portanto, adjetivos pré-nominais, o que parece verificável (ver (vi)). Sobre os DPs referenciais plurais, a previsão de nossa proposta é de que o adjetivo só poderá ser prenominalizado se o determinante definido plural não for partitivo, pois partitivos não são específicos (ver (vii)), o que também parece se verificar.

- (i) Um professor foi premiado. – leitura específica ou não-específica
- (ii) Um professor maravilhoso foi premiado. – específica ou não-específica
- (iii) Um maravilhoso professor foi premiado. – leitura específica
- (iv) a. O professor mais votado ganhará um prêmio. – leitura não-específica
b. *O maravilhoso professor mais votado ganhará um prêmio.
c. O professor maravilhoso mais votado ganhará um prêmio.
- (v) a. O professor mais votado ganhou um prêmio. – leitura específica
b. O maravilhoso professor mais votado ganhou um prêmio.
- (vi) Este inteligente professor receberá um prêmio. – leitura específica
- (vii) #As bonitas camisas que eu comprei são amarelas, mas eu comprei camisas de várias cores.

Precisamos testar como crianças lidam com estes dados para entendermos melhor como ocorre o processo de aquisição da sintaxe de adjetivos. Deixo isto como sugestão para pesquisas futuras.

de concordância nominal em português parecem evidenciar que isto pode ocorrer mesmo apenas com os possessivos e não com os adjetivos:

- (25) a. *A lindas boneca
- b. As linda boneca

- (26) a. *Os meu filho
- b. O meus filho.

Seguramente, uma ampliação das faixas etárias estudadas poderia trazer maior respaldo para esta proposta. Isto ficará para pesquisas futuras.

Respaldando-nos em Kato (1995), defendemos, sobre a aquisição da estrutura sequencial, que a gramática inicial já disporia de todos os elementos funcionais presentes na gramática do adulto, ou seja, a definitude e a especificidade do DP, e que a não realização imediata dos possessivos e dos adjetivos na posição anteposta ao nome não se deve pela falta da projeção destas categorias, como postulado por Grolla (2000) para a periferia esquerda, e sim pelo fato de a criança não ter aprendido que essa categoria também pode ter um traço forte que atrai possessivos ou adjetivos para os especificadores do determinante, projetado em duas categorias, a definitude e a especificidade.

4 Concluindo

Buscamos com este trabalho discutir a sintaxe da aquisição dos adjetivos, que mesmo apresentando uma variabilidade na ordem adjetivo-nome e nome-adjetivo na gramática adulta, não se manifesta da mesma forma na gramática infantil. Argumentamos que há uma primeira marcação paramétrica, relacionada à ordem dos núcleos, que faz com que a criança desde cedo produza nomes + adjetivos, de forma semelhante ao que faz sintaticamente em relação a outros núcleos na língua. A ordem adjetivo+nome só surgirá quando houver uma remarcação paramétrica de sua língua de traços que ora são apenas fortes (no caso dos WHs), ora são apenas fracos (no caso dos possessivos e adjetivos) para uma marcação mais consistente, que pode ser tanto forte quanto fraca. Assim, teríamos argumentos favoráveis à análise que classifica o PB como uma língua de traços fortes opcionais, que se aplicam para WH, para possessivos e para adjetivos.

Referências

ALMEIDA, Cristiano. A identificação de nomes e adjetivos por crianças adquirindo o PB. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2007.

CARDINALETTA; G. GIUSTI. The acquisition of adjectival ordering in Italian. In: ANDERSSON M.; BENTZEN K.; WESTERGAARD M. (Ed.). *Variation in the input*. Studies in the Acquisition of Word Order. Dordrecht; Heidelberg; London; New York: Springer, 2010. v. 39, p. 65-93.

CARLSON, G; PELLETIER, F. (Ed.). *The generic book*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

CASTRO, A. *On Possessives in Portuguese*. 2006. Tese (Doutorado) – Universidade Nova de Lisboa; Université Paris 8 – Vincennes Saint-Denis, Lisboa; Paris, 2006.

CERQUEIRA, Vicente C. Aquisição de possessivos. *Cad. Est. Ling.*, Campinas, v. 36, p. 47-69, jan./jun. 1999.

CINQUE, Guglielmo. *The syntax of adjectives: a comparative study*. Cambridge, MA: MIT Press, 2010. (Linguistic Inquiry Monograph, 57). DOI: <https://doi.org/10.7551/mitpress/9780262014168.001.0001>

COHEN, M. A. O posicionamento do adjetivo no sintagma nominal português: um estudo diacrônico. *Boletim do Centro de Estudos Portugueses*, Belo Horizonte, v. 9/10, n. 12, p. 58-62, 1988.

CORRÊA, Leticia M. S.; AUGUSTO, Marina R. A. Primeiros passos na aquisição da sintaxe: o sintagma nominal. In: FREITAS, Maria João; SANTOS, Ana Lúcia (Ed.). *Aquisição de língua materna e não materna: questões gerais e dados do português*. Berlin: Language Science Press, 2017. p. 121-154.

DEMUTH, K. Collecting Spontaneous Production Data. In: MCDANIEL, D.; MCKEE, C.; CAIRNS, H. (Ed.). *Methods for Assessing Children's Syntax*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1996.

DRESHER, B.E. Charting the Learning Path: Cues to Parameter Setting. *Linguistic Inquiry*, [S.l.], v. 30, n. 1, p. 27-67, 1999.

ERNST, Thomas. *The Syntax of Adjuncts*. Cambridge University Press: Cambridge, 2004. (Cambridge Studies in Linguistics, 96)

GREENBERG, J. *Universals of Language*. Cambridge, Mass: MIT Press, 1966.

GROLLA, Elaine B. *A aquisição da periferia esquerda da sentença em português brasileiro*. 2000. 95f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Unicamp, Campinas, 2000.

GUASTI, Maria Teresa. *Language Acquisition: the Growth of Grammar*. Cambridge, MA: MIT Press, 2002.

IHSANE, T.; PUSKÁS, G. Specific is not definite. *Generative Grammar in Geneva*, Geneva, v. 2, p. 39-54, 2001.

KATO, Mary. Gramática infantil: competência plena ou uma gramática sem categorias Funcionais? In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 47., 1995. São Luis, MA. *Anais...* São Luís: SBPC, 1995. v. 1.

LIGHTFOOT, D. *The Development of Language: Acquisition, Change and Evolution*. Massachusetts: Blackwell Publishers, 1999.

LOPES, Ruth Vasconcellos. Traços semânticos na aquisição da linguagem. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 161-178, mar. 2006.

NAME, Maria Cristina. Aquisição de nomes e adjetivos por crianças brasileiras: uma abordagem psicolinguística. *Revista Estudos Linguísticos*, Campinas, v. XXXIV, p. 415-420, 2005.

PRIM, Cristina de Souza. Os adjetivos exclusivamente pré-nominais do português. *Signum: Estud Ling*, Londrina, v. 18, n. 2, p. 377-403, dez. 2015.

RIZZI, Luigi. The fine structure of the left periphery. In: HAEGEMAN, L. (Ed.). *Elements of Grammar*. Dordrecht: Kluwer, 1997. p. 281-337. DOI: <https://doi.org/10.1007/978-94-011-5420-8>

ROSA, M. C. *Introdução à morfologia*. São Paulo: Contexto, 2000.

SANTOS, Ana Lucia; LOPES, Ruth. Primeiros passos na aquisição da sintaxe: direcionalidade, movimento do verbo e flexão. In: FREITAS, Maria João; SANTOS, Ana Lúcia (Ed.). *Aquisição de língua materna e não materna: questões gerais e dados do português*. Berlin: Language Science Press, 2017. p. 121-154.

TEIXEIRA, Luciana. A delimitação do adjetivo como categoria lexical na aquisição da linguagem: um estudo experimental no Português Brasileiro. *Veredas*, Juiz de Fora, v. 13, n. 1, p. 36-56, 2009.

TEIXEIRA, Luciana; CORRÊA, Leticia. Pistas morfológicas e sintáticas na delimitação de adjetivos em relações predicativas e de adjunção na aquisição do PB. *Revista da Abralin*, v. 7, n. 2, p. 43-63, jul./dez. 2008.

WAXMAN, S.R. Specifying the scope of 13-month-olds' expectations for novel words. *Cognition*, [S.l.], v. 70, n. 3, B35-B50. 1999

